

FILOSOFIA E A CRIANÇA, APRENDER A PENSAR

ARAÚJO, Leticia Gomes¹

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

FREITAS, Edilene Aparecida Simões de²

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

Este texto buscou apresentar como a disciplina de Filosofia, ou o ato de “filosofar” é inserido e trabalhado no Brasil, no ensino fundamental. Tem como objetivo analisar e conscientizar sobre os diferentes raciocínios e a forma adequada de fazer com que as crianças pensem por si mesmas e se tornem confiantes e aprendam a se comunicar de forma lógica e produtiva. Nesse sentido, se tornou imprescindível pesquisar sobre os autores que defendem esse conceito e analisar, a partir das referências bibliográficas suas propostas educacionais e metodologias que podem ser aplicadas, de acordo com a condição social e financeira do país. Inclusive, apontar se existem impedimentos na aplicação e amplificação dos estudos na área de humanas, na escola contemporânea. Além de indagar as teorias e práticas de ensino necessárias para a transformação na educação e na formação do discente. Apontar caminhos que o professor e a gestão devem seguir para integrar o currículo escolar e interagir no âmbito escolar, conforme a legislação determina.

Palavras-Chave: Escola, Filosofia, Professor.

ABSTRACT

This text seeks to present how the discipline of Philosophy or the act of "philosophize" is inserted and worked in Brazil, in primary education. It aims to analyze and raise awareness about the different reasoning and the proper way to make children think by themselves and become confident and learn to communicate in a logical and productive way. From this vantage point, it has become essential to research authors who defend this concept and analyze, from the bibliographical references, their educational proposals and methodologies that can be applied, according to the social and financial condition of the country. Also, point out if there are impediments for the application and amplification of the studies in the humanities area at the contemporary school. In addition, wonder about the theories and teaching practices necessary for the transformation in the education and training of the student. Which paths the teacher and the management should follow to integrate the school curriculum and interact within the school environment as the legislation determines

Keywords: Philosophy, School, Student.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade fazer a análise do ensino de Filosofia no contexto educacional brasileiro. Através de pesquisas bibliográficas, buscou-se as possíveis respostas para as questões: É válido que o aluno tenha contato com a filosofia já nos anos iniciais? Os

¹ Acadêmico do Curso de Pedagogia do 4º ano – FAIT. E-mail: gomesaraujolets@gmail.com

² Especialista pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Professora na área de Pedagogia na FAIT. E-mail: edilene.apsimaofreitas@gmail.com,

profissionais da educação possuem competências necessárias para formular e executar planos educativos satisfatórios e didáticos? Os textos também serão abordados brevemente, a história da disciplina no Brasil e as leis que asseguram a atuação dela.

A Filosofia (disciplina) não existia no contexto do Brasil Colônia. O ensino tardio dos jesuítas, definido no Ratio Studiorum (plano de estudos) trazia conteúdos que na contemporaneidade fazem parte da disciplina Filosofia, mas na época eram chamados de humanidades.

Com a Reforma Capanema no ano de 1942, o ensino se torna obrigatório em colégios religiosos, os quais atendiam, somente, a classe alta e burguesa. Com a promulgação da Lei 4.024/61, a Filosofia deixa de ser disciplina obrigatória e passa a disciplina complementar nos currículos escolares. A Lei 5.692, promulgada em 1971, em pleno regime militar, extingue a Filosofia dos Currículos (RODRIGUES, 2012).

A disciplina ficou ausente do currículo educacional durante todo o período ditatorial, que aconteceu entre 1964 a 1985. Sabemos que foi um momento crítico e delicado, afetado por um poder soberano e autoritário, constituído por Atos Institucionais. (RODRIGUES, 2012).

Sardá (2018), afirma, que com a frequência, que a filosofia foi suprimida dos currículos durante a ditadura militar porque ela favorece a reflexão. O pensamento crítico e autônomo pode ser poderoso e também ameaçador, dependendo da classe social que o adota.

Como consequência dessas oposições, vemos a necessidade de estimular o raciocínio lógico. Segundo Lev Vygotsky, psicólogo bielorusso, é indispensável criar um ambiente, na sala de aula, de interação com os professores e colegas, para a construção da capacidade e agilidade de se desenvolver as habilidades cognitivas e sociais. (VYGOTSKY apud LIPMAN; OSCANYAN; SHARP, 2001). Nesse sentido, Faudez (apud SGI, 2014 p. 64) afirma que “É somente a participação criativa, crítica, ativa e ousada que permite ao grupo intensificar cada vez mais a transformação da realidade e a recriação da consciência crítica”.

2. FILOSOFIA E A CRIANÇA, APRENDER A PENSAR

As transformações educacionais do ensino de Filosofia proporcionam as crianças e aos jovens o pensarem de maneira mais transformadora. Permeando assim as diferentes

formas para ampliar esses pensamentos e o espaço privilegiado para que isso aconteça é a sala de aula. “A mudança do aprender para o pensar. Queremos alunos que pensem por si mesmos, e não alunos que só aprendam o que outras pessoas pensaram” (LIPMAN, 1995 apud SOUZA, 2013, p. 21).

2.1. O que é Filosofia e seu Contexto Social

A Filosofia é uma disciplina que possibilita o ser humano questionar sobre o mundo em que vive, e sobre ele mesmo. Seu ensino consiste na transição “passagem direta do não-saber ao saber”, auxiliando na resolução dos problemas e na criação de novas alternativas e ideias (GALLINA, 2004).

Toda pessoa e todos os povos educam seus filhos. Pode-se julgar da pessoa e do povo pela educação recebida. A medicina, a economia, a defesa da nação, os edifícios e o progresso haverão de ser eco do que for a educação. Daí a importância de se educar. Ora, só a reflexão crítica pode conhecer as falhas, a melhor e a pior finalidade assim como meios eficazes e os métodos mais eficientes. (TOBIAS, 2002, p. 16)

Para Tobias (2002), a filosofia está presente na vida de todos os seres humanos, acessível a crianças e analfabetos. O ato de indagar, questionar qual o sentido, razão de algo, pode se denominar como pensamento reflexivo. A verdade é que todos estão buscando o porquê de determinada coisa, e a partir desta visão que busca e se define a filosofia, o interesse de saber, conhecer e entender.

O ensino foi implementado após longas discussões e muita insistência dos especialistas e interessados. Somente posteriormente ao período ditatorial (após 1985), pois conforme Sardá (2018), a filosofia teria sido suprimida dos currículos escolares no ano de 1971, momento em que a lei nº 5.692/71 proibiu o seu ensino no país. Embora com um histórico conturbado e instável, em 2 de junho de 2008 foi promulgada a Lei Federal nº 11.684, que tornou obrigatório o estudo da disciplina de Filosofia no ensino médio, em redes de ensino público e privado.

2.2. A Importância do Ensino de Filosofia Para Crianças.

A Filosofia incorpora o currículo escolar no ensino médio, juntamente com Sociologia, na área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas. Tornando obrigatória a prática e estudos de tais disciplinas (BRASIL, 1996). A Base Nacional Curricular (BNCC) aponta que a finalidade de se discutir Filosofia seja para “[...] aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio”. (BRASIL, 2017, p. 474). Dessa forma, o aluno disponibiliza do saber filosófico depois de sua formação inicial, após metodologias que resultam em experiências inexpressivas, que consequentemente podem moldar sua postura diante da sociedade e inibir suas ações e desejos.

Creio que a experiência humana é mais rica do que qualquer uma de suas interpretações, pois nenhuma delas, por mais genial e “compreensiva” que seja, poderia exauri-la. Aqueles que embarcam numa vida de conversação com a experiência humana deveriam abandonar todos os sonhos de um fim tranquilo de viagem. Essa viagem não tem um final feliz – toda a felicidade se encontra na própria jornada. (BAUMAN, 2004 apud SGI, 2014, p. 67).

A partir desta visão, a ligação do pensar para a transformação do ser autônomo e crítico, é importante que observemos algumas perspectivas sobre o tema. Lippman (2001) defende que a Filosofia deve ser estimulada e inserida tal como a disciplina de História, que tem o papel de desenvolver o conhecimento histórico da criança. E a Filosofia, entra como percursora e defensora do descobrimento e experimento do autoconhecimento e do pensamento diferente. Podendo atingir objetivos em uma sala de aula heterogênea, onde as culturas, defesas e posicionamentos tornam-se valiosos e são respeitados independente do caminho da construção do pensamento. E não são inibidas pelo professor que frequentemente, inspirado por currículos e métodos padronizados, tende a manter a cultura de uma competição hostil entre crianças e adolescentes.

O autor Matthew Lipman, que foi um professor de lógica e conhecimento, ao ter acesso a sala de aula, espantou-se em como o ensino e o saber estavam sendo direcionado. Percebeu um grande desfalque no quesito espontaneidade dos alunos, que sem oportunidades de conhecer e vivenciar outras metodologias, só reproduziam e recriavam o que lhes era passado. Sem autonomia para discordar ou reconhecer as falhas, aceitavam sem questionamentos e se tornavam apenas uma cópia da cópia na sociedade. Foi então que viu a necessidade de criar a proposta da filosofia para crianças, a qual foi discutida em todo mundo,

com a finalidade de aperfeiçoar as habilidades do raciocínio lógico na primeira idade (SOUZA, 2013).

Em uma palestra realizada em 18 de agosto de 2001, no auditório do Colégio Marista Santa Maria, a Professora Doutora Ann Margaret Sharp, colaboradora do Prof. Dr. Matthew Lipman e Diretora Adjunta do IAPC (The Institute for the Advancement of Philosophy for Children), definiu o objetivo em ensinar filosofia as crianças em dois motivos: o entender e a compaixão, que seria a empatia pelos sentimentos do outro. O entender não seria propriamente o conhecimento, é algo muito mais amplo e profundo. O segundo ponto, a compaixão ou empatia, é o fundamento, a base, de todo entendimento conceitual. Quando não se tem nenhuma empatia pelos sentimentos do outro, é sinal de perigo, pois se não entendo minha relação com o outro, minhas ações vão ser desviadas (SHARP, 2001).

Sharp (2001) ressalta a preocupação na comunicação dialógica, ensinar o aluno a conversar irá possibilitar sua interação. Destaca ser necessário pensar por si mesmo e desenvolver seu pensar crítico, criativo e cuidadoso, do afeto consigo e com o próximo.

Em seus estudos, Lippman (2001) questiona o surgimento do raciocínio e em qual momento se constata que a criança possui o raciocínio crítico e autônomo. Na verdade, a mesma está envolvida com o pensamento filosófico desde muito nova, no início de suas descobertas e palavras, tanto que pergunta “por quê” muitas vezes em busca de uma justificativa para tais ações ou a finalidade ocasionada por elas.

Como a nossa cultura, caracteristicamente, define a inteligência em termos da capacidade de responder a perguntas mais que pela capacidade de fazê-las, e em termos da competência em solucionar problemas mais que pela competência em reconhecê-los e formulá-los. (LIPPMAN, 2001, p. 89)

Nesse sentido, é dever da Educação proporcionar uma formação crítica do ser, frente a sociedade. Em busca de uma educação igualitária e também da denominada Educação popular, inspirada originalmente pelo trabalho de Paulo Freire, que procura manter a proposta de aprender a partir do conhecimento do sujeito, a noção de ensinar a partir de palavras e temas geradores. Elaborar atos políticos e críticos, a partir do conhecimento (GADOTTI, 2009).

Lippman (2001) ressalta a atitude errônea dentro do âmbito escolar, e também fora dele, de ignorar as manifestações genuínas e autênticas da criança, perdendo assim a

experiência do conhecer, isto é, as necessidades inatas de serem desafiadas. Busca-se formatar o pensamento geral de um jeito único e simplório. Findando na conclusão de que a criança está alheia a qualquer elaboração de teorias e reflexões.

Para Freire (1996, p. 12), educador e filósofo brasileiro, é importante que haja o convencimento de que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Para preparar as novas gerações, para o comando de uma sociedade democrática, que sejam ativos nas mudanças e proponham estratégias.

O professor e a escola possuem competência de conduzir a aprendizagem do aluno, para que ele seja capaz de formular e defender sua ideia de forma autônoma. Através de estímulos a reflexões e questionamentos críticos, é possível causar a quebra do método que utiliza da função apenas reprodutiva dos conteúdos que estão embutidos no âmbito educacional, e que anula e/ou ignora a manifestação espontânea do aluno, caso ela seja contrária ao que o professor está compartilhando (FREIRE, 1996).

Muito se discute sobre o método do professor, e qual o modelo específico para conseguir atingir a criatividade do aluno, seu desejo natural sobre si mesmo, e o mundo em que vive. Portanto, para o educador Freire (1996), no princípio de tudo, o pensar filosófico deve estar presente no educador. Ele deve refletir sobre o mundo em que vive e a partir de seus posicionamentos, estimulantes e reais, conseguir conectar o aluno com a vida.

2.3. Propostas Para Uma Educação Filosófica na Infância

Gadotti (2009) reconhece que com as modernidades da tecnologia é preciso que a educação procure se atualizar aos meios de comunicações, para conseguir interagir de forma satisfatória com os jovens. As novas gerações de alunos já nascem inseridos no mundo da internet, portanto é mais fácil de utilizar tais instrumentos, e a educação deve se programar e modificar metodologias consideradas ultrapassadas, para assim, consequentemente, aprimorar a formação do educando. Ele e os que defendem essa junção, declaram que o correto é buscar reservar ao cérebro humano o que lhe é peculiar, a capacidade de pensar, em vez de desenvolver a memória.

Para Holt (1989) todas as pessoas são interessantes. Todas com peculiaridades e individualidades têm muito o que mostrar e compartilhar com o mundo. Cada ser possui histórias e pontos de vistas diferentes. E para a criança isso é enriquecedor, pois se o ambiente

for acolhedor e didático, mostrará interesse em participar de rodas de conversas e expor suas opiniões. Quando a criança é impedida de participar das conversas de adultos sua curiosidade e admiração aumentam, e cria grandes expectativas, desejando sua vez para conversar.

É preciso construir e manter um ambiente que seja inspirador e de movimentação constante. Os educadores e os pais devem ser atenciosos aos detalhes, e incentivar as crianças a desenvolver sua capacidade de relatar o que viu, para que se tornem capazes de entender o processo desde seu início, meio e fim, na busca de adquirir o conhecimento ao longo tempo, utilizar do mesmo processo. O desenvolvimento intelectual é gradativo, estimulando a criança praticar e ver praticantes, para extrair o aprendizado por inteiro (HOLT, 2006).

Na proposta de Matthew Lippman, o ideal na capacitação dos educadores evidencia professores apenas como mediador do conhecimento, sem exigir uma formação especializada em cursos filosóficos. O autor acredita que esta formação, eventualmente, pode alterar o caminho do descobrimento, quando involuntariamente o professor interfere e tenta comandar ou manipular o pensamento da criança, impedindo a visualização de todas as hipóteses (SILVEIRA, 2003).

Adultos com o olhar treinado para reconhecer quando a criança aprende sem ser ensinada, são indispensáveis nesses momentos de descobertas e aprendizados.

Com o auxílio de um adulto para guiar de forma segura em suas aventuras, a criança motivada a desfrutar o seu desejo investigativo, de indagar as coisas ao seu redor por conta própria, quando descobre algo ganha confiança em sua própria habilidade de descobrir coisas. E muda a maneira que ela retém o que a marcou de alguma maneira (HOLT, 2006).

A criação de valor não é algo distante nem separada de nossa vida. Qualquer revolução ou reforma começa com o que nos afeta de forma mais direta. Não devemos fugir dos problemas com os quais nos confrontamos nem nossa vida diária, e sim enfrentá-los com coragem. É por meio desses esforços que se cria o valor e é a partir daí que se expandem as ondas de esperança entre as pessoas. (IKEDA, 2004 apud SGI, 2014, p. 48)

A Soka Gakkai Internacional (SGI) é uma instituição não governamental (ONG) que é filiada às Nações Unidas desde 1983. Com base na filosofia budista, busca incentivar o senso de solidariedade global e valorização e compaixão por todo e qualquer ser vivo reconhecido na sociedade. Através das exposições educativas, constata o papel do aluno, da comunidade,

da família, e as influências no pensar da criança. Os professores, que além de saber o que irão ensinar, precisam saber ensinar. Ir além e conseguir formar valores (SGI, 2014).

Conforme defende Vygotsky (apud SGI, 2014), a escola precisa adotar uma abordagem sociointeracionista, que é onde o professor fica responsável por incentivar os avanços no conhecimento do educando, o que ele chamava de zona de desenvolvimento proximal. Partindo dessa premissa de que cada ser humano tem sua experiência pessoal, o educador deve utilizar da socialização no ambiente escolar, mas ir além da sala de aula. Trazer para a roda da conversa, para os debates reflexivos todas e quaisquer questões destacadas por alunos. Sem fugir do contexto inicial.

O programa de Lippman chega ao Brasil em meados dos anos 1980, especificamente na cidade de São Paulo. Em busca de apresentar as propostas curriculares para a prática da disciplina de Filosofia no ensino médio e consolidar o espaço conquistado. Promove-se encontros com professores da rede pública e privada, representados pela Secretaria de Estado de Educação, por via da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas a CENP. Foram diversas discussões, reuniões e contribuições (SILVEIRA, 2003).

Sharp (2001) aponta que uma aula de Filosofia é desenvolvida através de muito diálogo, dar sentido as coisas. É um estudo conjunto, impossível de ser realizado individualmente. A proposta de ouvir e formular debates, resultará em crianças atentas aos detalhes e as diferenças. Capazes de enfrentar as possíveis adversidades e frustrações. Reconhecer que todo ser humano possui suas fragilidades e vulnerabilidades, processos naturais para o desenvolvimento pessoal e social. E confutar o pensamento universalizado de ser humano perfeito.

Na busca pela valorização da palavra e do pensamento, os autores investiram em um sistema educacional que fornecesse uma construção compartilhada de conhecimento. (SILVEIRA, 2003).

Abordagem diferente que se adequa a colocação social do educando, Lippman defende que o diálogo como expressão do pensamento filosófico é instrumento de experimentação do imaginário, libertação dos pensamentos. Para Freire, o diálogo deve agir para problematizar a pressão social e as injustiças, com cunho reflexivo e crítico, dará força e coragem ao indivíduo que ocupa o lugar de oprimido na sociedade (SILVEIRA, 2003).

Para o professor e pensador John Holt, a identidade do profissional é construída quando ele não se esconder em diversos recursos. Notou que obteve mais resultados positivos

quando “ensinou menos” e foi aí que as crianças “aprenderam mais”. Após vivenciar as alterações no modo como ocorre o compartilhamento saber, declara que houve o esquecimento de que os aprendizes criam a aprendizagem, alega que a consequência de tal esquecimento é que o ato de aprender, foi transformado na palavra educação. Como se fosse um produto, é que manipulado e oferecido de forma igualitária a todos (HOLT, 2006).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo proporcionou um melhor entendimento sobre a disciplina de Filosofia, as propostas de melhorias para a execução e destacou o perfil ideal do educador. Apontou a falta de reconhecimento e até mesmo os momentos conturbados que marcaram sua história no país. Através de pesquisas, pudemos aprender o que diversos autores que acreditavam/acreditam no ensino de Filosofia e buscam os meios de torná-la necessária e estável.

Conclui-se que é necessário alimentar o diálogo filosófico, motivar os estudantes a obter opiniões e pontos de vista diferentes. Auxiliar no crescimento pessoal e interpessoal, para que assim tenham capacidade de encontrar sentido em suas experiências, nas prazerosas e nas falhas também. Certamente, tem esse a finalidade de conscientizar os discentes a exercer o direito de expressão, de forma lógica e crítica, esclarecer suas ideias e reformular teorias.

Vale ressaltar que este trabalho não elimina pesquisas futuras.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular:** Educação e a base – Ensino Médio. Brasília: MEC, 2020. Disponível em:

<<http://basenacionalcomum.com.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 30 de abr. 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** Brasília, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GADOTTI, Moacir. Perspectivas Atuais da Educação. **São Paulo em Perspectiva**, 14(2), 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>> - Acesso em: 17 ago. 2020.
- HOLT, John. **Aprendendo o tempo todo**. Campinas, SP: Verus Editora, 2006.
- LIPPMAN, M. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- RODRIGUES, Zita Ana Lago. O ensino da Filosofia no Brasil no contexto das políticas educacionais contemporâneas em suas determinações legais e paradigmáticas. **Educ. rev.**, dez 2012, no.46, p.69-82. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n46/n46a06.pdf>> - Acesso em: 27 ago. 2020.
- SARDÁ, Daniela Nienkötter. A HISTÓRIA DO ENSINO DA FILOSOFIA NO SISTEMA ESCOLAR FRANCÊS E BRASILEIRO. **Hist. Educ.**, dez 2018, vol.22, no.56, p.187-206. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592018000300187&script=sci_arttext#fn28> Acesso em 26 ago. 2020.
- SGI, Associação Brasil. **A arte da educação humana habilidosa**. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, p. 48-64-67, 2014.
- SHARP, Ann. A Filosofia na comunidade de investigação: educar para o pensar e para valores. Disponível em: <http://www.philosletera.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=143&Itemid=388> Acesso em 19 ago. 2020.
- SILVEIRA, R. **Matthew Lippman e a filosofia para crianças: três polêmicas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- SOUZA, Tania Silva. **Ensino De Filosofia Para Crianças Na Perspectiva De Matthew Lipman**- Vol. 6, nº 2, 2013. www.marilia.unesp.br/filogenese. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/taniasouza.pdf> - acessado em: 19 ago. 2020.
- TOBIAS, J. **Filosofia da educação**. São Paulo: Editora Ave Maria, 2002.